

*Grupo PET Letras/UFAL*

*Entrevista*

*Eliane Mara Silveira*

### **100 ANOS DE CLG<sup>1</sup>**

“Fiquei muito emocionada com os manuscritos que desenharam outro Saussure para mim[...] O Saussure como mito perdeu espaço e começou, então, a se desenhar o Saussure escritor, que escrevia e escrevia muito”.

A linguista Eliane Mara Silveira, líder do Grupo de Pesquisa Ferdinand de Saussure e do GT da Anpoll Estudos Saussurianos, professora associada da Universidade Federal de Uberlândia, foi entrevistada pelos alunos do grupo PET Letras durante sua participação na 9ª Semana de Letras, na Faculdade de Letras/UFAL, em setembro de 2016, e contou um pouco de sua experiência com a pesquisa sobre os manuscritos de Ferdinand de Saussure.

**Em 2003, você defende uma tese sobre Saussure, publicada em 2007, cujo título é “As marcas do movimento de Saussure na fundação da Linguística”. Por que você escolheu Saussure como objeto de pesquisa?**

De fato, pesquisar sobre Saussure não é natural. O trabalho com Saussure, no Brasil, no final do século XX, ainda era, unicamente, uma obrigação acadêmica. Ele era obrigatório nos cursos de Letras, mas, sempre entendido como alguém que trazia verdades que deveriam ser colocadas em xeque ou, então, que deveriam ser aprendidas e repetidas. Ele nunca apareceu como algo que deveria ser investigado, afinal, ele era conhecido como o “pai da linguística

---

<sup>1</sup> Entrevista feita pelos petianos Camilla Castro, Fransuelly Raimundo, Raul Guilherme e pela profa. Dra. Núbia Faria. A gravação da entrevista foi feita pelo prof. Me. Jadir Pereira e a edição foi realizada pelo petiano João Moreira.

moderna”, como “mestre genebrino”. No entanto, quando comecei a fazer o mestrado na Unicamp, surgiram algumas perguntas: “Como a noção de língua pode caber dentro de um estatuto de ciência? E dentro de que estatuto de ciência?”. As respostas para essas questões encontravam-se no *Curso de Linguística Geral* (CLG). Afinal, é nessa obra que se tem o conhecimento da língua como objeto de uma ciência, que é a Linguística. Eu fiz esse trabalho de mestrado em meio a um ambiente intelectual, cuja discussão sobre Saussure era muito produtiva. Destaco o grupo de Aquisição da Linguagem da Unicamp, que tinha um trabalho muito efetivo sobre Saussure, pois explorava a produtividade dos conceitos saussurianos, para a pesquisa de aquisição da linguagem. A partir desse ambiente intelectual, Saussure surgiu para mim como alguém que, mais do que estudar e discutir sobre seus conceitos, merecia uma investigação científica dele mesmo. Nesse sentido, iniciei trabalhando com o CLG e passei para uma biografia mais ampla. Um dos livros importantes para aprofundar a discussão do CLG foi a edição crítica do Engler<sup>2</sup>. Percebi que havia um campo saussuriano a ser explorado, que iniciava no CLG, se estendia às edições críticas, e, ainda, alcançava os manuscritos. Foi nesse ambiente intelectual e de discussão que Saussure me pareceu produtivo e que se tornou objeto de minha pesquisa, no final do século XX, aqui no Brasil. O que, de fato, você tem toda razão: não era natural.

### **Por que “As marcas do movimento de Saussure na fundação da Linguística” como título de seu livro?**

O título do livro surgiu no final da pesquisa. Iniciei a pesquisa com o CLG; depois, passei para as edições críticas, com autores como o Túlio de Mauro<sup>3</sup>, a princípio; depois, eu conheci o trabalho do Godel<sup>4</sup>, do Engler. Quando descobri esse tipo de biografia, comecei a achar que havia algo interessante que eu gostaria de ver, parecia guardar algum mistério que eu gostaria de averiguar. Eu falei com a minha orientadora, Cláudia Lemos, que disse: “Olha, é o caso de você ir a Genebra, examinar os manuscritos.” Achei essa hipótese perfeita. Quando chego à biblioteca em Genebra, peço, simplesmente, para ver os manuscritos. Foi trazida uma

---

<sup>2</sup> Rudolf Engler, em 1967/68, publica, em dois tomos, uma monumental edição crítica do CLG onde confronta, no formato de colunas, o texto dos editores, anotações dos cadernos de diferentes alunos ao longo dos três cursos proferidos por Saussure e notas pessoais inéditas do próprio Saussure.

<sup>3</sup> Tullio de Mauro, em 1967, publica uma edição crítica do CLG com 305 notas com comentários, explicações, notas manuscritas inéditas etc.

<sup>4</sup> Robert Godel, em 1957, inicia o que se convencionou chamar de *filologia saussuriana*, isto é, a tentativa de reconstituição do pensamento de Saussure, ao publicar *Les sources manuscrites du Cours de Linguistique Générale de F. de Saussure*, levantamento detalhado das fontes utilizadas pelos editores para a organização do CLG.

caixa com cerca de 30 mil folhas escritas, em estado, às vezes, bastante deteriorado, todos empilhadas um em cima da outra, sem separação por pastas ou qualquer outro material. Fiquei muito emocionada com esse material e então comecei a se desenhar outro Saussure para mim, que não era mais “o fundador da linguística moderna”, “o pai da linguística moderna”. O Saussure como mito perdeu espaço e comecei, então, a se desenhar o Saussure escritor, que escrevia e escrevia muito. Fiquei, absolutamente, seduzida pela escrita dele, mas, também, com um grande problema de pesquisa, porque era uma quantidade muito grande de material, e eu não sabia, exatamente, por onde começar. Então, eu voltava para o *hostel*, onde eu estava hospedada, e passava boa parte do tempo, que não podia estar na biblioteca, lendo outras pessoas que tinham escrito sobre os manuscritos, especialmente o Godel, para localizar um manuscrito que eu pudesse trabalhar, para buscar uma orientação. Na medida em que comecei a trabalhar com os manuscritos, percebi que o Saussure, neles, apresentava um percurso elaborado de cada conceito. Esse processo começou a tomar forma para mim, começou a aparecer como um momento importante da minha pesquisa. Trabalhei com apenas um manuscrito que se chama Primeira Conferência de Genebra, produzido em 1891. Trata-se de orientações de sua fala para uma conferência. Mas, o Saussure tinha uma forma de escrita que era muito ligada à elaboração teórica dele. Nesse manuscrito, Saussure revê alguns conceitos e o lugar da linguística – “Ela é uma ciência”? “Ela tem objeto”? “Que objeto”? “Compartilha com outras ciências”? “Se compartilha, o que compartilha”? E coloca a questão de língua, linguagem, fala. Dessa forma, percebi que o manuscrito revela um percurso de elaboração, ou seja, a escrita dele mostra que tem um movimento. O que ele escreve num momento, em outro lugar, aquilo já tem um deslocamento. Esse deslocamento não é etiológico no sentido de que ele começa aqui com um rudimento, e aqui ele termina com um conceito pronto. Às vezes, ele pode ter escrito alguma coisa, e algumas folhas mais tarde, ele pode voltar ao que era anterior ao que ele tinha escrito ainda, porque ele vai relacionando vários conceitos. Na medida em que ele vai relacionando, um altera, um acaba pressionando ele a rever o outro conceito. Então, é uma trama complexa de conceitos intrincados, mostrando o movimento de Saussure na própria escrita. Esse movimento, de fato, é o que vai construir a linguística como ciência moderna mais tarde, mas, claro que a posteriori, não é naquele momento em que ele está escrevendo, é pela leitura do século XX, e não pelo que ele escreve no século XIX ainda.

**No final do primeiro capítulo de seu livro, você defende que não devemos confundir ideias Saussurianas com ideias de Ferdinand de Saussure. Quais as principais diferenças entre elas? E por que não devem ser confundidas?**

O CLG é um clássico com um século de existência, os manuscritos de Ferdinand de Saussure são numerosos e fragmentários. A importância desses materiais e a complexidade que eles oferecem são bastante sedutoras. As ideias ali presentes foram levadas para outros domínios com finalidades específicas e nesse transporte tiveram o enriquecimento ou a subtração própria às interpretações. Assim, essas ideias saussurianas levam a marca do seu tempo, do seu autor, dos seus objetivos, portanto, defendendo que, ao lado dessas leituras, deve-se voltar ao CLG e aos manuscritos para estabelecer um diálogo entre as ideias saussurianas e as ideias de Ferdinand de Saussure. Dessa forma, evitaríamos uma leitura anacrônica das elaborações saussurianas, mas também devemos estar atentos à indevida hierarquização dessas possibilidades de leitura: cada uma delas tem méritos distintos e limitações. Tomar uma pela outra traz a consequência inicial de não reconhecer nem o mérito nem a limitação de cada uma, além de favorecer equívocos conceituais. Contudo, estabelecer a diferença entre as ideias saussurianas e as de Ferdinand de Saussure pode não ser uma tarefa fácil, já que entre elas pode haver um abismo ou uma tênue linha.

**Em seu livro, você afirma que a leitura do CLG é “[...] obrigatória, mas, na maioria das vezes, com o estatuto de letra morta, sem nenhum compromisso, mera informação para localizar a sua diferença entre tantas outras teorias linguísticas” (SILVEIRA, 2007, p. 22). Levando-se em consideração o tempo transcorrido desde a publicação do livro, em sua opinião, essa afirmação continua válida nos dias atuais?**

Sim. Eu afirmo que Saussure é uma leitura obrigatória, no entanto, ele acaba passando pelos cursos de Letras e nas outras áreas também como letra morta. Isso foi uma realidade a partir da década de 70 e se manteve até o final do século XX, não exatamente da mesma maneira em todos os lugares. A gente talvez deva pensar que a recepção do CLG, a maneira como se leu o CLG e se conheceu Saussure, não se dá da mesma maneira em todos os lugares. Têm maneiras diferentes nos Estados Unidos, na Europa e no Brasil. Quando digo que ele é lido obrigatoriamente, mas, como letra morta, eu digo isso na maioria dos lugares. Há pontos e espaços em que ele é produtivo, proporciona outras reflexões a respeito da língua, ele é material possível, a partir do qual você pode fazer análise de material empírico de língua. No final do século XX, teve um movimento de rediscussão iluminado por seus manuscritos, de maneira muito forte na Europa, e que teve muitos efeitos no Brasil. Então, a relação com esses

manuscritos de Saussure acabou por iluminar a leitura do CLG em muitos momentos. Os pesquisadores, claro, evidentemente, não são unânimes a respeito disso, mas é possível afirmar que o estatuto de letra morta do CLG, no final do século XX, começa a se alterar em função das várias pesquisas com os manuscritos. A leitura de um manuscrito pode iluminar uma parte ou outra do CLG, tirando ele desse lugar de obrigatoriedade, mas sem consequências teóricas ou epistemológicas. Considerando, então, que as pesquisas saussurianas tiveram uma mudança significativa nos últimos vinte anos, nós podemos dizer que o campo de pesquisa saussuriana encontra-se renovado. Atualmente, os pesquisadores levaram uma releitura de Saussure para as universidades, e os professores, agora, já não leem mais Saussure como se lia há vinte, trinta anos atrás. Saussure é lido a partir das reflexões mais recentes e que tenham a ver com os manuscritos.

**Em sua tese, você aponta as dificuldades de leitura do CLG e, de modo mais específico, do capítulo IV. Em sua opinião, de que maneira essas dificuldades podem ser contornadas por aqueles que trabalham com o Curso?**

O CLG é um livro complexo. Seja pelas várias camadas que a edição imprime ao livro, seja pelo seu teor teórico ou ainda pelo seu valor histórico, de toda a maneira o importante é que ele apresenta momentos de tensão que não devem ser descartados na sua leitura. No meu livro *As marcas do movimento de Saussure na fundação da linguística* (2007), eu dou relevo à questão do signo e do valor linguístico especificando a tensão entre a propriedade diferencial e a positividade do signo. São perspectivas que se chocam, no mesmo livro, do mesmo autor. Esse não é o único momento de tensão, há mais de um conceito de língua, a noção de analogia oscila entre mudança e criação e as noções de forma e substância, para dizer o mínimo, não são esclarecedoras. Esses pontos de tensão que apontam para algumas das dificuldades em ler o CLG não devem ser contornados, mas reconhecidos e elevados a pontos de exame atento da elaboração saussuriana. Essa posição de leitor só é conquistada quando se considera que o conteúdo do CLG é parte de uma elaboração teórica em movimento, assim, a possibilidade de mudança, alteração do conceito, ou mesmo abandono de alguns é totalmente aceitável e até mesmo desejada. Essa tensão nos abre a possibilidade de ver a linguística como uma ciência não dogmática.

**Em seu livro, a partir de uma citação de Jean-Claude Milner, você introduz a noção de um Saussure comparatista pouco conhecido, afirmando que há uma relação entre ele e o Saussure fundador da linguística geral. Em quais aspectos do CLG é possível encontrar**

**influências dessa concepção comparatista? Por que o CLG é normalmente associado a uma linguística eminentemente sincrônica?**

O CLG é, em geral, associado à linguística sincrônica porque é essa a grande novidade que ele traz. A filologia, a gramática comparada e mesmo linguística histórica já eram conhecidas e tinham o seu espaço assegurado. No CLG, apenas a segunda parte é destinada exclusivamente à linguística sincrônica, a terceira, quarta e quinta partes são destinadas à linguística diacrônica, a introdução e a primeira parte, a princípios gerais. Essas subdivisões dão um panorama geral da distribuição dos temas no livro, embora saibamos que elas não conseguem isolar uma perspectiva da outra. Isso se dá por motivos históricos e teóricos que permitem que entendamos porque o Saussure comparatista e o chamado ‘estruturalista’ estão em relação. Historicamente, porque é o seu ambiente de formação: ele lia os comparatistas, seus professores pertenciam a essa escola e o seu método de análise de dados vinha dela. Assim, o seu movimento em direção à perspectiva sincrônica vinha dessa experiência que fornecia os elementos de base da sua nova formulação, fosse pela crítica ou pelo conhecimento lá adquirido. Além disso, ele é categórico no CLG ao dizer que a distinção entre a perspectiva diacrônica e a sincrônica deve ser mantida, mas não é fácil de ser realizada (SAUSSURE, 1973, p. 166). Dessa forma, embora tenha se afirmado muitas vezes, em nome das ideias saussurianas, que a sincronia nega o passado comparatista de Saussure, ao ler o CLG vemos que o genebrino nos coloca dificuldades para sustentar uma relação dicotômica entre essas duas perspectivas.

**Considerando que nós tivemos uma tradução tardia do CLG, em 1970, que colocava o Brasil distante daquela reflexão que aconteceu na Europa, como hoje se situam os estudos saussurianos em relação aos manuscritos - aquilo que se faz no Brasil comparado ao que se faz, por exemplo, na Europa?**

É verdade, a tradução do CLG se deu apenas em 1970 no Brasil. Antes disso, o CLG, às vezes, era lido em língua francesa ou em língua espanhola, e, por isso, se conhecia muito pouco. Em 1970, a sua tradução chega ao Brasil já permeado por alguma recepção do CLG na Europa, portanto, com a crítica que a década de 70 já fazia ao CLG. Quando os manuscritos começam a ser motivo de reflexão, no Brasil no final do século XX, é preciso um pouco de cuidado para não cair na esparrela de que há uma diferença entre o CLG e os manuscritos, no sentido de que um conteria o Saussure verdadeiro, e outro, o Saussure que não foi escrito pela sua própria mão. Não! As ideias de Saussure estão no CLG, os manuscritos têm as ideias de Saussure pela sua própria mão. Claro que é uma diferença imensa entre os dois. O campo de estudo sobre Saussure

no Brasil, no final do século XX até agora, tem mostrado bastante maturidade e aumentou significativamente nos últimos anos. Tem se desviado desse tipo de discussão que não é fértil e tem se dirigido, na sua maioria, para um trabalho que relaciona manuscrito e CLG, fazendo com que um ilumine o outro, e reconhecendo as diferenças entre eles sem hierarquizá-los. Nós tivemos muitas atividades em torno de Saussure. Nesse momento, a nossa relação com a Europa é de interlocução muito produtiva. Acho que mudou significativamente depois dos manuscritos e mudou no sentido de aprofundar a reflexão a respeito dos conceitos saussurianos.